

## TIAGO BAPTISTA

### *Um dia destes...*

26 FEV – 17 ABR 2010

*Et in Arcadia Ego*. Poussin pintou por duas vezes este tema, do qual a segunda versão de 1638 é a mais conhecida. Quatro pastores, figuras idealizadas, rodeiam um túmulo de pedra onde lêem esta inscrição, manifesto do transitório da vida. Tiago Baptista ao citar este ícone da pintura do classicismo francês realiza por seu turno a enunciação de um credo sobre o modo como pensa e realiza a actualização de uma pintura de história.

Tendo tido acesso a um projecto de sinopse de trabalho realizado pelo pintor, percebi que o conjunto dos seus esforços conduz-se num propósito crítico sociocultural de amplas linhas. As pinturas para Tiago Baptista, exactamente como na perspectiva de Poussin, são veículos para a visualização de discursos poéticos próprios e originais para os quais contribui a clareza de concepção, o tal *disegno*, resultante do balanço das uniões entre lirismo e razão, sensibilidade e intelecto, apropriada para a representação de cada tema dado. Assim sendo, o autor, ao delinear um universo literário e crítico próprio, prossegue na criação de dispositivos dramáticos que melhor correspondam ao dramatismo do enunciado. Estes, mais uma vez de modo análogo a Poussin, caracterizam-se pela criação de um espaço no qual os elementos denotam significados pretendidos. O espaço é quase invariavelmente exterior, denso e carregado. As paisagens não se referem tanto a uma arcádia idealizada mas sim à paisagem rural portuguesa, frequentemente pontuada de pequenas fábricas e casas de *pato bravo*. As figuras são contemporâneas modeladas directamente do universo de conhecimentos pessoais do autor, ou de figuras públicas, como no caso do pioneiro da mocidade portuguesa. As acções que estas figuras executam referem-se invariavelmente ao subtexto pensado.

Pode no entanto, ao observar-se continuamente a produção gráfica e pictórica de Tiago Baptista, notar-se uma outra tendência que desta vez o afasta de Poussin e que é o realismo observável justamente nestes elementos que escolhe. O autor estabelece aqui, nesta inclusão do prosaico, um espaço de confronto ou tensão entre duas linhas de leitura; a de uma mensagem politicamente idealista, escatológica e global transmitindo uma vontade universalista de mundividência e a outra, de um paisagismo imediato, de uma etnografia brutal, muito conterrânea e contemporânea, de um país, ele próprio dilacerado entre a sua estrutura orgânica e primeva e a cega obsessão do desenvolvimento. Este realismo, esta imediata relação que nos oferece com o quadro cultural referido é bem expressa nos porcos, no cordeiro da Josefa, nos calhaus, na vestimenta urbana casual, no bombo furado das Nicolinas de Guimarães. Aqui, neste último exemplo e noutros, jogam-se também conotações sexuais mais ou menos óbvias. A grandiloquência do tema proposto e por vezes explícito, é contrariada intencionalmente também nesta inclusão de iconografias populares, conferindo um aspecto fortemente irónico que frequentemente se sobrepõe a qualquer consideração de classicismo imputável às imagens que Tiago Baptista nos apresenta. Este aspecto torna-se mais evidente após uma observação da natureza do universo gráfico do autor onde este

mal-estar surge textualmente e completamente limpo de referências académicas. Nicolas Poussin, como modelo formal e conceptual, cede aqui o terreno a Robert Crumb.

É todavia a omnipresença da ruína, do arruinado, que acaba por constituir a vertente mais relevante e genuína desta representação de fim de festa, desta incapacidade de formar discursos teleológicos, que a pintura de Tiago Baptista *pretende* apresentar. Refiro a pretensão por estar convencido que não é a partir de um programa explícito que se faz uma pintura. A qualidade de uma imagem constitui-se como uma capacidade de se transmitir um sentimento de sentido completamente independente do que explicitamente está nela representado. Na pintura de Tiago Baptista o explícito é dobrado pelo implícito, num pleonasmo feliz. De algum modo os programas que o autor se propõe a seguir na execução de cada uma das suas pinturas e que por si só querem transmitir esta ideia de crise ou cataclismo, são tornados irrelevantes pelo material sensível que aqui é apresentado, ou seja; é *naquilo* que se desprende entre os elementos, no sentido mediado pictórico como material sensível, que se sente a constante do luto nestas imagens que aqui nos são apresentadas. As cores são opacas e carregadas e as formas amassadas como corpos de barro. Este sentido lutuoso funciona aqui de um modo semelhante a Courbet onde este peso se sente em quase toda a obra. Por aqui se pode vislumbrar também o enorme potencial metafórico deste trabalho; a difusa narrativa que se desprende nas pinturas de Tiago Baptista é subconsciente e é justamente por aí que obtém o seu poder; o de poder constituir-se como uma espécie de *trauerspiel* emocional e íntimo, emergente e pré-revolucionário.

André Poejo, Lisboa 2010